

A Inscrição do Túmulo de D. Pedro a: e: a fin: do mudo

Isabel Pestana de Mello Moser
Justino Mendes de Almeida

Decorreu em 15 de Janeiro de 2005, no auditório da Biblioteca Municipal de Alcobaça, um Colóquio integrado nas comemorações do Ano Inesiano da Cultura, sob a égide da Academia Portuguesa da História e o patrocínio do Ministério da Cultura. Foi assim possível distribuir pelos presentes um volume com o texto das comunicações que seriam expostas e discutidas pela assistência – processo que tem sido seguido, com assinalado êxito, pela Academia Portuguesa da História –, o que permite um acompanhamento mais proveitoso para quem eventualmente não esteja familiarizado com algumas das matérias versadas.

Um de nós apresentou a lição definitiva da oitava 120 do canto III d’*Os Lusíadas* – Episódio de Inês de Castro –, com as necessárias justificações fonéticas e ortográficas:

Estavas, linda Inês, posta em sossego,
De teus anos colhendo doce fruto,
Naquele engano da alma, ledo e cego,
Que a Fortuna não deixa durar muito,
Nos saudosos campos do Mondego,
De teus fermosos olhos nunca enxuto,
Aos montes insinuando e às ervinhas,
O nome que no peito escrito tinhas.

Nos debates finais do Colóquio veio à discussão – e com que vivacidade! – a leitura da famosíssima inscrição que D. Pedro fez gravar no seu sepulcro.

Tema primorosamente estudado pelo Doutor António de Vasconcelos, primeiro Presidente da Academia Portuguesa da História restaurada, tem conhecido várias leituras e interpretações, até que se fixou numa que, embora inexacta, continua a correr:

ATÉ AO FIM DO MUNDO

Argumentação em contrário do Mestre conimbrigense:

Frei Fortunato de S. Boaventura transcreveu: *Este he o fim do mundo*.

Quase toda a gente tem lido: *Até a fim do mundo*; ora, o que lá está é precisamente isto: A: E: A FIN: DO MUDO. É demasiado duro fazer A: E = *até*, supondo que o canteiro, por equívoco, substituíra o T pelos três pontos divisórios das palavras.

Reinaldo dos Santos, engenhosamente supôs que o A não é latino, mas sim a letra grega *Alpha*. Eis o raciocínio: encontram-se a cada passo nas inscrições antigas A Ω, a primeira e última letra do alfabeto grego, para representarem o princípio e o fim do universo; ora nesta inscrição aparece apenas a primeira destas letras, sendo a segunda substituída pela sua tradução ou interpretação – *a fin do mundo*, em que o *a* é a forma feminina do artigo, pois o substantivo *fin* era então do género feminino. Referir-se-ia esta inscrição à própria rosácea, a rematar a sua figuração simbólica, sendo, por assim dizer, o conceito e decifração daquele enigma alusivo à instabilidade das cousas deste mundo.

Carolina Michaëlis não perfilhou, e com razão, esta *híbrida e improtabilíssima fórmula!*

Eu suponho que esta inscrição sepulcral foi imitada das inscrições clássicas lo mesmo género, mas formada com palavras portuguesas em vez das latinas. Na epigrafia funerária romana é frequentíssimo encontrarem-se estas abreviaturas:

H.Q. – hic quiescit

H.C. – hic conditus (est), ou hic cubat

H.E. – hic est

H.S. – hic sepultus (est) ou hic situs (est)

H.P. – hic positus (est), etc.

Ora, imitando este uso clássico, o artista na miniatura do túmulo de D. Pedro, com que rematou a rosácea, também representou pelas respectivas siglas ou iniciais as suas palavras, que abrem a legenda, na qual, segundo o uso cristão,

se memora a esperança na ressurreição: *Aqui espero a fim do mundo*, ou a ressurreição final.

Se a inscrição fosse latina, provavelmente havê-la-iam redigido aproveitando as próprias expressões do *Credo* niceno-constantinopolitano, que o clero e o povo cantavam na Missa, e teriam gravado:

H: E: RESVRRECTIONEM: MORTVORVM

Isto é: *Hic exspecto resurrectionem mortuorum.*

Inteiramente de acordo com o Doutor António de Vasconcelos. Eu só acrescentaria que, num túmulo tão belo e de tão delicado rendilhado, não é fácil admitir um lapso do lapicida na troca de um I por três pontos, e que a preposição, a existir, teria a grafia *ATA* ou *ATAA*, mais corrente na época do que *ATÉ*. Quanto ao uso da pontuação, depois de *A E* e *FIN*, explica-se nas duas primeiras letras como símbolos de abreviaturas, e, depois de *FIN*, para evitar na leitura a fusão com a palavra seguinte: *FIN DO* e não *FINDO*. Na palavra final, não falta a nasal, porque o *M* inicial transmite a nasalidade à vogal *U*.

Continuamos a acompanhar de perto o Doutor Vasconcelos. Mas, porquê e para quê, espera D. Pedro o fim do mundo?

1º Ressuscitar com todos os homens ao som da trombeta angélica, e comparecer tranquilo e confiado perante o tribunal do Juiz supremo.

2º Ser absolvido nesse tribunal, e chamado a gozar a bem-aventurança, e com ele todos os membros da sua família, que foram testemunhas do seu justo convívio com Inês.

3º Ver todos os que tiveram responsabilidades no crime serem precipitados no Inferno.

4º Ser reconhecido, consagrado e glorificado, perante todos os Anjos fiéis, todos os homens e todos os demónios, o caminho da justiça e rectidão

que, tanto ele como seu pai, sempre trilharam sobre a terra, sendo portanto proclamada nesse grande dia a ausência de responsabilidade de D. Afonso na morte de D. Inês.

5º Ir no Céu gozar por toda a eternidade a bem-aventurança junto de Inês, pois Deus determinará, certamente, que aqueles que tanto se amaram, com amor tão puro e santificado perante os seus olhos misericordiosos, havendo sido separados brutal e injustamente neste mundo de misérias, sejam juntos por toda a eternidade no Céu.

Significa isto que tenhamos de pôr de parte a legenda

ATÉ AO FIM DO MUNDO?

De forma alguma, pois a frase tem o mesmo sentido de

AQUI ESPERO A FIM DO MUNDO.

Liberdade a poetas, artistas, prosadores... Mas, quanto à leitura da inscrição, *amicus Plato, sed magis amica Veritas.*